

O FUTURO DE DEUS

2ª edição

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Deepak Chopra, 2014
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2021
Copyright © Cristina Yamagami, 2014
Todos os direitos reservados.
Título original: *The future of god*

Preparação: Lizete Mercadante Machado
Revisão: Cátia de Almeida, Fernanda Pinto e Carmen T. S. Costa
Diagramação: 2 estúdio gráfico
Capa: Rafael Brum

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Chopra, Deepak
O futuro de Deus: um guia espiritual para os novos tempos / Deepak
Chopra; tradução de Cristina Yamagami. – 2. ed. – São Paulo: Planeta, 2021.
288 p.

ISBN 978-65-5535-286-3

1. Vida espiritual 2. Deus I. Título II. Yamagami, Cristina

20-0047

CDD 204

Índices para catálogo sistemático:

1. Vida espiritual

2021

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra 986 – 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – CEP 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

SUMÁRIO

PRÓLOGO, 9
POR QUE DEUS TEM FUTURO?, 15
DEUS É UM VERBO, NÃO UM SUBSTANTIVO, 21

O CAMINHO PARA DEUS

Etapa 1: Descrença, 35
Dawkins e seus delírios, 37
Uma resposta ao ateísmo militante, 47
O ornitorrinco, 53

Etapa 2: Fé, 69
Transcendendo o ponto zero, 71
Má-fé, 97
O projeto da sabedoria, 117
Milagres são possíveis?, 141

Etapa 3: Conhecimento, 163
Deus sem fronteiras, 165
Existe mesmo um mundo material?, 183
O mundo sutil, 201
Transcendência: surge Deus, 231
A mais difícil das questões, 251

EPÍLOGO: VISLUMBRANDO DEUS, 279
AGRADECIMENTOS, 285

PRÓLOGO

Estamos vivendo uma crise de fé. A religião passou milhares de anos sugerindo que aceitemos, com base na fé, um Deus amoroso que tudo sabe e tudo pode. Isso levou a humanidade a percorrer um caminho longo e por vezes tumultuado. Tivemos momentos de grande euforia intercalados com horrores inenarráveis em nome da religião. Mas hoje, pelo menos nos países desenvolvidos, a idade da fé perdeu muito de sua força. A maioria das pessoas aceita a religião sem pensar muito a respeito. Não existe uma ligação viva com Deus. Enquanto isso, a descrença ganha força. Como seria diferente?

Uma vez exposto o abismo entre nós e Deus, uma espécie de profunda decepção sobe à superfície. Todas as catástrofes pelas quais passamos dificultam confiar em uma divindade benigna, amorosa. Quem pode refletir sobre o Holocausto ou os ataques de 11 de Setembro de 2001 e acreditar que Deus é amor? E podemos pensar em outros incontáveis desgostos. Se você investigar o que realmente acontece quando as pessoas pensam em Deus, verá que a zona de conforto dessas pessoas no que diz respeito à religião está cada vez menor. E elas são acometidas por dúvidas e inseguranças.

Por um bom tempo o ônus da fé ficou a cargo do religioso imperfeito. Se Deus não intervém para aliviar o sofrimento ou conceder a paz, a causa deve estar nas nossas próprias imperfeições. Neste livro, eu virei a mesa e devolvi o ônus a Deus. É hora de fazer algumas perguntas contundentes.

O que Deus tem feito por você ultimamente?

Na tarefa de prover a si mesmo e à sua família, o que faz mais diferença: ter fé ou trabalhar duro?

Será que você *de fato* entregou-se a Deus e deixou que ele resolvesse um problema espinhoso para você?

Por que Deus permite tanto sofrimento no mundo? Será que tudo isso não passa de uma brincadeira de mau gosto ou de uma promessa vazia da existência de um Deus amoroso?

Perguntas como essas nos incomodam tanto que costumamos evitá-las e, para milhões de pessoas, elas simplesmente perderam a relevância. Estamos sempre de olho na próxima tecnologia que vai melhorar a nossa vida. Um Deus relevante no século XXI está praticamente extinto.

A meu ver, a verdadeira crise da fé não tem nada a ver com o número cada vez menor de fiéis que frequentam a igreja, uma tendência que começou na Europa Ocidental e nos Estados Unidos na década de 1950 e se mantém até hoje. A verdadeira crise diz respeito a encontrar um Deus que faz alguma diferença na nossa vida e em quem podemos confiar. A fé é uma encruzilhada na estrada, e todos nós chegamos a ela. Um caminho leva a uma realidade sustentada por um Deus vivo, enquanto o outro leva a uma realidade na qual Deus não apenas se faz ausente, como não passa de uma ficção. Em nome dessa ficção, as pessoas lutaram e morreram, torturaram infiéis, conduziram cruzadas sangrentas e promoveram todos os horrores imagináveis.

O Novo Testamento apresenta uma desoladora demonstração de desdém quando Jesus está pregado na cruz – uma maneira lenta e agonizante de morrer –, e as pessoas cospem nele em escárnio, inclusive os sacerdotes de Jerusalém: “Salvou os outros, e a si mesmo não pode salvar-se. Se é o Rei de Israel, desça agora da cruz, e crê-lo-emos. Confiou em Deus; livre-o agora, se o ama” (Mateus 27:42-43).

O amargor contido nessas palavras não diminuiu com o tempo, mas sugere um argumento ainda mais inquietante. Jesus ensinou que as pessoas devem confiar cegamente em Deus, que a fé pode mover

montanhas. Ele ensinou que não se deve trabalhar duro hoje nem poupar para amanhã, porque Deus tudo proverá. Deixando de lado o significado místico da crucificação, será que pessoas comuns, como você e eu, deveriam confiar em Deus a esse ponto?

Sem perceber, as pessoas encontram a encruzilhada no caminho várias vezes ao dia. Não escrevo da perspectiva cristã – não pratico qualquer religião organizada na minha vida pessoal –, mas Jesus nunca quis dizer que basta esperar sentado que Deus proverá dinheiro, comida, abrigo e muitas outras bênçãos. Ele se referia ao jejum do dia seguinte e ao abrigo de hoje à noite. “Pedi e receberás, batei e a porta se abrirá” se aplica às escolhas que fazemos agora. E os riscos aumentam muito, porque, se Deus decepciona sempre que nos nega ajuda, nós decepcionamos sempre que escolhemos o caminho da descrença, o que acontece literalmente a cada hora do dia.

Todos nós temos, dentro de nós, a semente da incredulidade, que nos dá muitas razões para não termos fé. Eu gostaria de, como um ser humano compassivo, testemunhar o espetáculo de uma crucificação e me compadecer. Mas, na minha vida cotidiana, eu trabalho, poupo para o futuro e, quando escurece, ando ressabiado por rua perigosa, olhando para todos os lados. Tenho mais fé em mim mesmo do que em um Deus externo. Chamo isso de “ponto zero”, o nadir, ou o ponto mais baixo da fé. No ponto zero, Deus não faz muita diferença, pelo menos não nas dificuldades que enfrentamos no nosso dia a dia. Visto da perspectiva do ponto zero, Deus é irrelevante ou impotente. Ele pode ver o nosso sofrimento e se compadecer ou se limitar a dar de ombros.

Para que Deus tenha um futuro, temos de sair do ponto zero e encontrar uma nova maneira de viver espiritualmente. Não precisamos de novas religiões, de escrituras melhores nem de algum testemunho mais inspirador sobre a grandeza de Deus. As versões que temos já são boas (e ruins) o suficiente. Um Deus merecedor da nossa fé deve fazer alguma diferença, e não vejo como isso pode acontecer a menos que ele comece a nos ajudar em vez de nos desapontar.

Uma mudança tão radical requer algo igualmente radical: repensar completamente a realidade. Se a realidade se limitar ao que vemos na superfície, não há nada ali que nos inspire fé. Podemos ficar 24 horas atentos ao noticiário e fazer o possível para sobreviver às adversidades. A história muda, no entanto, se a realidade se estender a dimensões mais elevadas. Pode não ser possível recriar um Deus que nunca existiu, mas podemos reparar uma conexão quebrada.

Decidi escrever um livro sobre como se reconectar com Deus, para ele se tornar tão real quanto um pedaço de pão e tão confiável quanto o nascer do sol – ou qualquer outra coisa que você sabe ser real e confiável. Se um Deus como esse de fato existe, não precisamos mais nos desapontar com ele nem conosco. Não precisamos dar um salto de fé. No entanto, precisamos fazer uma mudança mais profunda, repensar as possibilidades. Isso implica uma transformação interior. Se alguém disser: “O reino dos céus está dentro de ti”, você não deve pensar, com uma pontada de culpa, *Não em mim*. Você deve perguntar o que pode fazer para que a afirmação seja verdadeira. O caminho espiritual começa com uma curiosidade, com uma abertura à possibilidade de que algo tão inacreditável quanto Deus pode de fato existir.

Milhões de pessoas já ouviram falar que Deus não passa de “um delírio”, um *slogan* muito usado por um grupo de ateus militantes, inimigos declarados da fé. Esse movimento inquietante, encabeçado pelo professor Richard Dawkins, encobre seus ataques fervorosos, muitas vezes pessoais, com a ciência e a razão. Mesmo quando as pessoas não se descrevem como *ateias*, muitas delas ainda vivem como se Deus fosse irrelevante, o que afeta suas decisões no dia a dia. A descrença acaba vencendo onde mais importa.

A fé, para sobreviver, só pode ser restaurada por meio de uma investigação mais profunda do mistério da existência.

No que se refere ao ateísmo não militante, nada tenho a contestar. Thomas Jefferson escreveu: “Não vejo no cristianismo ortodoxo

qualquer aspecto positivo”, mas ao mesmo tempo ele ajudou a fundar uma sociedade baseada na tolerância. Dawkins e companhia se orgulham de sua intolerância. O ateísmo pode ser bem-humorado e leve, como quando George Bernard Shaw brincou: “O cristianismo pode até ser uma coisa boa, se todo mundo lhe desse uma chance”. Cada linha de pensamento tem seu oposto e, quando se trata de Deus, a descrença é o oposto natural da crença.

Não é certo, contudo, supor que o ateísmo sempre se opõe a Deus. De acordo com os resultados surpreendentes de um levantamento da Pew Research conduzido em 2008, 21% dos norte-americanos que se caracterizam como ateus acreditam em Deus ou em um espírito universal, 12% acreditam no céu e 10% rezam pelo menos uma vez por semana. Os ateus não perderam completamente a fé; não há nada na fé a que se opor. No entanto, Dawkins propõe o niilismo espiritual com um sorriso no rosto e um tom tranquilizador. Vi a necessidade de me manifestar contra isso, apesar de não sentir qualquer animosidade pessoal contra ele.

A fé deve ser salva, para o bem de todos. Da fé nasce uma paixão pelo eterno, algo ainda mais forte que o amor. Muitos de nós perderam essa paixão ou nunca chegaram a conhecê-la. Nos meus argumentos a favor de Deus, espero poder incutir o senso de urgência expresso em apenas alguns versos de Mirabai, uma princesa indiana que se tornou uma grande poetisa mística:

Inquebrável, ó Senhor,
é o amor que me prende a ti,
Como um diamante,
ele quebra o martelo que o atinge.
Como o lótus que surge da água,
a minha vida surge de ti.
Como o pássaro noturno fitando a lua que passa,
eu me perco em ti.
Ó, meu amado... Retorna!

Em qualquer momento da história da humanidade, assim é a fé: um clamor vindo do coração. Se você está decidido a acreditar que Deus não existe, estas páginas jamais o convencerão do contrário. No entanto, o caminho nunca se fechará. Se a fé puder ser salva, o resultado será mais esperança. Por si só, a fé não leva necessariamente a Deus, mas faz algo do que precisamos ainda mais no momento: ela possibilita Deus.



POR QUE DEUS TEM FUTURO?

Quando se trata de Deus, quase todos nós, tanto fiéis quanto incrédulos, sofremos de uma espécie de miopia. Vemos só o que está diante dos nossos olhos e, em consequência, apenas cremos no que vemos. Os fiéis veem Deus como um parente bondoso, conferindo méritos e justiça ao julgar nossas ações na Terra. Os outros pensam em Deus como algo muito mais distante, impessoal e desinteressado. No entanto, Deus pode ser mais engajado e estar mais próximo que isso, até mais próximo que a respiração.

Em todo momento, alguém neste mundo se espanta ao constatar que a experiência de Deus é real. Deslumbramento e certeza ainda despontam. Levo sempre comigo um trecho de *Walden*, de Thoreau, no qual ele fala do “solitário trabalhador de uma fazenda nos arredores de Concord, que nasceu pela segunda vez”. Como nós, Thoreau se pergunta se é possível acreditar no testemunho de alguém que afirma ter tido uma “experiência religiosa peculiar”. Para responder a essa questão, ele recorre ao passado distante: “Zaratustra, milhares de anos atrás, percorreu o mesmo caminho e teve a mesma experiência, mas, sendo um sábio, soube que se tratava de uma experiência universal”.

Se você se vir subitamente mergulhado em uma experiência que não tem como explicar, Thoreau sugere, basta lembrar que você não é o único. O seu despertar pertence a uma grande tradição. “Que ele [o lavrador solitário] comungue humildemente com Zaratustra e, pela

influência liberalizadora de todos os grandes homens, com o próprio Jesus Cristo, permite o naufrágio da ‘nossa igreja’.”

Na linguagem contemporânea, seria possível dizer que Thoreau nos aconselha a confiar na nossa crença mais profunda de que a experiência espiritual é real. Os céticos subvertem completamente esse conselho. O fato de Deus ter sido vivenciado no decorrer das eras só demonstra que a religião é um remanescente primitivo, um resquício mental que só conseguimos rejeitar se treinarmos o cérebro para isso. Para os céticos, Deus sobreviveu no passado em razão do poder dos sacerdotes de impor a fé, proibindo qualquer divergência entre os seguidores. Contudo, todas as tentativas de esclarecer a questão – de afirmar, de uma vez por todas, que Deus é absolutamente real ou absolutamente irreal – continuam dando em nada. A confusão persiste e todos nós já fomos acometidos por conflito e dúvida.

Como você se posiciona agora?

Vamos passar do abstrato ao pessoal. Ao pensar em como você se posiciona na questão de Deus, é quase certo que se encaixa em uma das três situações a seguir:

Descrença: Você não aceita que Deus é real e expressa sua descrença vivendo como se ele fosse totalmente irrelevante.

Fé: Você espera que Deus seja real e expressa essa esperança na forma da fé.

Conhecimento: Você não tem qualquer dúvida de que Deus é real e vive como se ele estivesse sempre presente.

Quando alguém se põe a buscar um caminho espiritual, a ideia é passar da descrença ao conhecimento. O caminho está longe de ser claro, contudo. Quando acordamos pela manhã, como deveríamos seguir o caminho espiritual? Será que deveríamos tentar viver o momento presente, por exemplo, uma atitude vista como espiritualizada? A paz

deve ser encontrada no momento presente, se é que ela pode ser encontrada em algum lugar. No entanto, Jesus descreve em linhas gerais até que ponto uma decisão como essa na verdade é absolutamente radical:

Por isso vos digo: não andeis cuidadosos quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer ou pelo que haveis de beber; nem quanto ao vosso corpo... Mas buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas. Não vos inquieteis, pois, pelo dia de amanhã, porque o dia de amanhã cuidará de si mesmo. (Mateus 6:25, 33-34)

Na versão de Jesus, viver no presente implica ter plena confiança de que Deus tudo proverá. A confiança de Jesus em Deus não tem limites. Deus proverá todas as necessidades de Jesus. Mas o que dizer dos pobres trabalhadores judeus que ouviam os sermões, lutando para sobreviver, vivendo sob o jugo implacável da opressão romana? Eles poderiam ter nutrido esperanças de que a Providência Divina cuidaria deles e poderiam até ter tido fé suficiente para acreditar nisso. Mesmo assim, a entrega era um ato místico. Só Jesus se encontrava em um estado de consciência absolutamente enraizado na Providência Divina, vendo Deus em tudo.

Todos nós temos as sementes da descrença, porque nascemos em uma era secular que questiona tudo o que é místico. É melhor ser livre e cético do que viver preso a mitos, superstições e dogmas. Quando entramos em contato com nosso cético interior, não é de estranhar que vivamos em um estado de descrença. No entanto, para a maioria das pessoas, a descrença também é um estado de infelicidade. Ficamos muito insatisfeitos em um mundo totalmente profano, no qual voltamos nossa mais profunda reverência aos heróis dos esportes e das histórias em quadrinhos e ambicionamos ter um corpo perfeito. A ciência não nos dá qualquer garantia de que a vida tem algum sentido quando descreve o universo como um vazio frio governado pelo acaso.

E assim a fé persiste. Queremos nos sentir em casa no universo. Queremos nos sentir ligados à criação. Acima de tudo, prescindimos da liberdade se ela implicar viver em um estado perpétuo de ansiedade e insegurança, se ela for uma liberdade que perdeu seus vínculos com o sentido da vida. Assim, a crença religiosa se mantém por toda parte, não importa se a considerarmos um apego injustificado à fé ou um respeito às tradições dos antepassados. Bilhões de pessoas não têm qualquer alternativa suportável.

E o que dizer da terceira etapa, que, depois da descrença e da fé, um certo conhecimento de Deus, é a etapa mais rara e mais fugidia? Para entrar com segurança nessa etapa, é preciso passar por uma experiência transformadora ou milagrosamente manter a alma inocente como a de uma criança. Nenhuma dessas opções é realista para a maioria das pessoas. Os que retornam de experiências de quase morte, que por si só já são extremamente raras, não conseguem apresentar quaisquer provas concretas de “ir para a luz” e são incapazes de convencer um cético. Para eles, o que mudou é pessoal, interno e subjetivo. Quanto à inocência das crianças, temos uma boa razão para abandoná-la. A alegria da infância é um estado ingênuo, ainda não formado e, apesar de ser um estado feliz, ansiamos por vivenciar um mundo mais amplo, um mundo de realizações. Os picos criativos da história humana são atingidos por adultos, não por bebês crescidos.

Digamos que você consiga se reconhecer em um dos três estados: a descrença, a fé e o conhecimento. Tudo bem se eles estiverem misturados e você passar apenas alguns momentos em cada um. De acordo com modelos estatísticos frios, a maioria de nós se concentra no meio de uma curva de Gauss, em forma de sino, fazendo parte da grande maioria que acredita em Deus. Nas extremidades da curva se encontra uma pequena minoria: à esquerda, os ateus convictos; e à direita, os profundamente religiosos que dedicam a vida a buscar Deus. Mas é justo dizer que a maioria das pessoas que responderam que acreditam em Deus não sente nem deslumbramento nem certeza.

Em geral dedicamos nossos dias a tudo, menos a Deus: cuidar da família, procurar amor, buscar o sucesso, ter posse de mais bens materiais nas infinitas prateleiras do consumismo.

Ninguém se beneficia da confusão atual. A descrença vem acompanhada de sofrimento interior e o temor de que a vida não faz sentido algum. (Os ateus que afirmam viver felizes em um universo aleatório não me convencem. Eles não acordam todo dia de manhã dizendo: “Que maravilha, mais um dia sem sentido algum”.) O estado de fé também é insustentável, mas por razões diferentes: no decorrer da história o estado de fé levou à inflexibilidade, ao fanatismo e à violência desesperada em nome de Deus. E o estado do verdadeiro conhecimento? Parece ser algo reservado aos santos, extremamente raros.

No entanto, Deus se oculta em algum lugar, como uma presença secreta, nessas três situações, seja como um negativo (a divindade da qual você se afasta quando dá as costas à religião organizada), seja como um positivo (uma realidade mais elevada à qual você aspira). Uma presença indistinta não equivale a uma importância concreta e muito menos à coisa mais importante do universo. Se for possível fazer que Deus volte a ser verdadeiro, acredito que todo mundo concordará em tentar.

Este livro propõe que qualquer um pode passar da descrença à crença e ao verdadeiro conhecimento. Cada uma dessas etapas é um estágio evolutivo e, ao explorar o primeiro, você perceberá que o próximo se abre naturalmente. A evolução é voluntária quando aplicada ao mundo interior. Você tem toda a liberdade de escolher o que quiser. Uma vez que dominar a descrença em todos os detalhes, pode escolher ficar por lá ou avançar para a fé. Depois de explorar a fé, você pode aceitá-la como seu lar espiritual ou escolher transcender essa etapa. Ao final da trajetória você encontrará o conhecimento de Deus, que é tão viável quanto as duas primeiras fases... E muito mais real. Conhecer Deus não é nada místico, da mesma forma como saber que a Terra gira ao redor do Sol. Nos dois casos, um fato é constatado e todas as dúvidas prévias e crenças errantes naturalmente caem por terra.

DEUS É UM VERBO, NÃO UM SUBSTANTIVO

fé tornou-se algo quase impossível de impingir, especialmente a si mesmo. O nosso antigo modelo de Deus está sendo dismantelado diante dos nossos olhos. Em vez de sair catando os pedaços, uma mudança mais profunda deve ocorrer. A racionalidade, a experiência pessoal e a sabedoria de muitas culturas já estão se unindo. Essa nova síntese é algo como “Deus 2.0”, quando a evolução humana dá um salto nas questões do espírito.

O Deus 1.0 refletia as necessidades humanas, que são muitas e variadas, e essas necessidades receberam uma personificação divina. As necessidades vinham em primeiro lugar. Como precisamos de proteção e segurança, projetamos Deus como nosso protetor divino. Como a vida precisa ser ordenada, fizemos de Deus o legislador supremo. Em uma inversão do Livro de Gênesis, criamos Deus à nossa imagem e semelhança. Ele fazia aquilo que nós queríamos que ele fizesse. Vejamos a seguir as sete etapas que concebemos para um Deus como esse.

Deus 1.0

FEITO A NOSSA IMAGEM E SEMELHANÇA

1. A necessidade de segurança e proteção

Deus torna-se um pai ou uma mãe. Controla as forças da natureza, trazendo boa ou má sorte. As pessoas são como crianças vivendo sob a proteção de Deus. Não é possível saber o que ele pensa; ele age por capricho, concedendo amor ou punição. A natureza é ordenada, mas ainda perigosa.

Esse é o seu Deus se você ora em busca de salvação, vê o divino como uma figura de autoridade, acredita em pecado e redenção, anseia por milagres e vê os desígnios de Deus em ação na ocorrência de um súbito acidente ou desastre.

2. A necessidade de realizar e atingir objetivos

Deus assume o papel de legislador. Ele define regras e as segue. Assim é possível prever como será o futuro: Deus recompensará os que seguem a lei e punirá os que a desobedecem. Com base nessa premissa, as pessoas podem ter uma vida boa e conquistar o sucesso material. O segredo é trabalhar duro, o que agrada a Deus, e fazer parte de uma sociedade seguidora das leis, espelhando as leis da natureza. O caos é dominado e a criminalidade é mantida a distância. A natureza existe para ser domada, e não temida.

Esse é o seu Deus se você acredita que Deus é sensato, quer que você tenha sucesso, recompensa o empenho, distingue o certo do errado e criou o universo para atuar de acordo com leis e princípios.

3. A necessidade de formar vínculos sociais, famílias e comunidades amorosas

Deus passa a ser uma presença amorosa no coração das pessoas. O olhar do adorador se volta para dentro. Formar vínculos com os outros transcende a sobrevivência mútua. A humanidade é uma

comunidade unida pela fé. Deus deseja que edifiquemos uma “cidade sobre um monte”, uma sociedade ideal. A natureza existe para nutrir a felicidade humana.

Esse é o seu Deus se você é um idealista, vê a natureza humana com otimismo, acredita na essência que une toda a humanidade e se mantém aberto para ser amado por uma divindade clemente. O perdão será sentido por dentro, não concedido por um sacerdote.

4. A necessidade de ser compreendido

Deus passa a ser neutro, imparcial. Saber tudo é a tudo perdoar. A ferida que se abriu na natureza humana e que divide o bem do mal começa a ser curada. Aumenta a tolerância. Vemos os malfeitores com empatia, pois Deus nos mostra sua empatia. Diminui a necessidade de recompensas e punições claras. A vida tem muitos tons de bem e mal e tudo tem sua razão de ser. A natureza existe para nos mostrar toda a variedade da vida em sua forma mais criativa e mais destrutiva.

Esse é o seu Deus se ele entende em vez de julgar, se você se vê com simpatia porque Deus o vê com simpatia, se você aceita o bem e o mal como aspectos inevitáveis da criação, se você se sente compreendido por Deus.

5. A necessidade de criar, descobrir e explorar

Deus passa a ser uma fonte criativa. Por vontade dele, nascemos imbuídos de curiosidade. Deus permanece um mistério, mas revela um segredo após o outro em sua criação. Nos extremos distantes do universo, o desconhecido é um desafio estimulante e uma fonte de deslumbramento. O que Deus quer de nós não é adoração; ele quer a nossa evolução. O nosso papel é descobrir e explorar. A natureza existe para nos proporcionar mistérios infindáveis que desafiam a nossa inteligência; sempre teremos mais descobertas a fazer.

Esse é o seu Deus se você vive para explorar e ser criativo, se está no seu melhor diante do desconhecido, se confia plenamente que a

natureza pode ser desvendada, inclusive a natureza humana, desde que nos mantenhamos questionando e nunca nos contentemos com as verdades estabelecidas, predeterminadas.

6. A necessidade de inspiração e orientação moral

Deus passa a ser puro deslumbramento. Quando a razão atinge os limites da compreensão, o mistério permanece. Sábios, santos e pessoas de inspiração divina desvendaram esse mistério. Sentiram uma presença divina que transcende o cotidiano. O materialismo é uma ilusão. A criação foi concebida em duas camadas, a visível e a invisível. Milagres se tornam reais quando tudo é um milagre. Para chegar a Deus, é preciso aceitar a realidade das coisas invisíveis. A natureza é uma máscara do divino.

Esse é o seu Deus se você dedica a vida a buscar um caminho espiritual. Você quer saber o que está por trás da máscara do materialismo, descobrir a fonte da cura, vivenciar a paz e entrar em contato direto com a presença divina.

7. A Unidade, o estado que transcende todas as necessidades

Deus torna-se Um. A satisfação é completa porque você atingiu o objetivo da sua busca. Você sente o divino por toda parte. O último resquício de separação se dissipou. Você não sente mais a necessidade de separar santos de pecadores, porque Deus permeia tudo. Neste estado, você não conhece a verdade, você *se torna* a verdade. O universo e todos os eventos do universo são expressões de um único Ser fundamental, que é consciência pura, inteligência pura e criatividade pura. A natureza é a forma externa que a consciência assume ao se desvelar no tempo e no espaço.

Esse é o seu Deus se você se sente completamente conectado com sua alma e sua origem. Sua consciência se expandiu e passou a abranger uma perspectiva cósmica. Você vê tudo o que acontece na mente de Deus. O êxtase dos grandes místicos, que parecem ser

especiais ou escolhidos por Deus, passa a ser disponibilizado também a você, porque você atingiu a plena maturidade espiritual.

O Deus que executa o plano até o fim, o Deus como uma Unidade, é diferente dos outros. Não é uma projeção. É um estado de absoluta certeza e deslumbramento. Se conseguir chegar a esse estado, você deixou de projetar. Todas as necessidades foram satisfeitas; o caminho termina com a própria realidade.

Vendo essa lista, você pode não se identificar com qualquer necessidade que Deus pode prover. Isso é compreensível quando a crença é confusa. Nenhuma versão de Deus é contundente a ponto de conquistar a sua devoção. A confusão também tem raízes no modo como o cérebro processa as escolhas. Quando você está em um restaurante decidindo se quer pedir uma salada verde ou um *cheeseburger* nadando em gordura, grupos distintos de neurônios do córtex cerebral organizam as suas opções. Um grupo promove a salada enquanto o outro promove o *cheeseburger*. Você está tomando uma decisão.

Ao mesmo tempo, cada grupo neuronal envia sinais químicos para anular a atividade do outro. Esse fenômeno, conhecido como “inibição cruzada”, está começando a ser estudado pelos pesquisadores do cérebro. Todo mundo já conhece a noção básica: nos esportes, os fãs torcem pelo próprio time e vaiam o outro. Em qualquer conflito armado, os soldados são informados de que Deus está ao seu lado, mas não ao lado do inimigo. A lógica do “nós contra eles” provavelmente tem profundas conexões cerebrais. No que se refere a dúvidas espirituais, a ideia de um Pai amoroso é submetida à inibição cruzada junto com a ideia de um Pai punitivo. Cada uma dessas ideias tem o próprio fundamento lógico e uma neutraliza a outra. Um pai amoroso deveria amar igualmente todos os filhos, mas todos os povos favorecidos por Deus sofreram sem uma causa justa. O comportamento de Deus é tão errático quanto o nosso, de modo que qualquer razão para adorar um

tipo de Deus é inibida por uma versão conflitante. Sete versões conflitantes, na verdade.

Se o Deus 1.0 é uma projeção, será que isso quer dizer que Deus não existe? Pensar assim não seria pôr mais um prego no caixão de Deus? Não necessariamente. O fato de Richard Dawkins e companhia rejeitarem Deus não significa que a perspectiva deles é completa ou verdadeira. Peça a qualquer adolescente para descrever os pais e é certo que você obterá uma descrição, no mínimo, duvidosa. Um adolescente tem uma visão confusa, nebulosa, dos pais. Confunde a necessidade de amor, segurança e proteção de uma criança com a necessidade de independência, autossuficiência e individualidade de um adulto. Quando os dois modelos se encontram, promovem a inibição cruzada um do outro. Ninguém acreditaria completamente nas críticas que um adolescente faz dos pais, muito menos aboliria a instituição da família com base nessas críticas. Da mesma forma, com a nossa visão confusa de Deus, acabamos não sendo testemunhas confiáveis da verdadeira natureza do divino, e as nossas dúvidas não significam que Deus deveria ser abolido.

Uma nova versão, Deus 2.0

Toda era cria um Deus que só é adequado por um tempo (apesar de esse tempo às vezes poder ser medido em séculos). A nossa presente era tem demandas espirituais mínimas: queremos uma divindade que podemos ignorar livremente.

Como, então, deveríamos recriar Deus? Estou falando de Deus no mundo ocidental. Outras variedades de Deus não estão prontas para ser renovadas. O islamismo fundamentalista representa uma ação reacionária que tenta desesperadamente preservar o Deus 1.0, insistindo na versão mais primitiva, um Deus que protege os fiéis da aniquilação. Um Deus como esse não tem como deixar de ser uma questão de vida

ou morte. Também não me refiro ao Deus do Oriente, que possui uma longa tradição de ver Deus como uma Unidade. É o Deus 1.0 na sétima etapa, uma presença que imbui toda a criação. Essa divindade não fica em um local fixo, mas sim nas origens da nossa consciência, que só podem ser encontradas ao final de uma viagem interior. Deus, o eu superior, é a revelação final. Incontáveis pessoas na Ásia são ensinadas a acreditar no eu superior. Na Índia ele é chamado de Atman, mas essas pessoas não chegam a empreender a viagem interior. Como acontece no Ocidente, a maioria das pessoas do Oriente vive como se Deus fosse opcional, um mero ornamento de seu patrimônio cultural que faz pouca ou nenhuma diferença na vida prática.

Para ter um futuro, Deus deve cumprir as promessas feitas em seu nome ao longo da História. Em vez de ser uma projeção, o Deus 2.0 é o contrário. Ele é a realidade a partir da qual a existência surge. À medida que você avança em sua jornada interior, a vida cotidiana se imbui de qualidades divinas como amor, perdão e compaixão. Você vivencia essas qualidades como uma realidade. O Deus 2.0 é muito mais que isso. Ele é a interface entre você e a consciência infinita. Na nossa presente era, vivenciar Deus é algo raro, quase nunca mencionado, porque o nosso foco está no mundo externo e em metas materiais. Quando você dá início ao processo de encontrar Deus, o mundo interior se revela. Vivenciar Deus passa a ser a norma, nada espetacular como algum tipo de milagre, mas no sentido muito mais profundo de uma transformação.

Deus 2.0

FAZENDO A CONEXÃO

Primeira conexão: o despertar da vivência de Deus

Você fica centrado. A mente se acalma e passa a ser mais autoconsciente. A inquietação e a insatisfação diminuem. Você tem momentos

de júbilo e paz interior que se tornam cada vez mais frequentes. Encontra menos resistência em sua vida. Sente que tem um lugar importante no contexto mais geral das coisas. A vida fica mais fácil. Você sente menos estresse, menos dificuldade e menos pressão.

Uma conexão mais profunda: a vivência transformadora de Deus

A consciência superior passa a ser uma realidade. Você passa a dar valor a simplesmente ser. Seus desejos se concretizam com muito menos esforço do que antes. Você tem relances de *insight* e entende as razões da sua existência e o seu propósito no universo. Você não se deixa mais levar por distrações externas. Sente-se emocionalmente conectado aos entes queridos. A ansiedade e as dificuldades diminuem bastante. Sua vida é permeada de um senso de justiça.

Conexão total: seu verdadeiro eu é Deus

Você se funde com sua origem. Deus revela-se como consciência pura, a essência de quem você é. Com o tempo, essa essência se irradia por toda a criação. Você sente a luz da vida dentro de si. Tudo é perdoado; tudo é amado. Seu ego individual se expande para se transformar no ego cósmico. À medida que sua iluminação se aprofunda, você vivencia um segundo nascimento. A partir desse ponto, sua evolução virá na forma de uma jornada pelo transcendente.

Na realidade você já está completamente conectado com Deus, já que estamos falando da origem da existência. Mas há diferentes estados de consciência, e a realidade muda dependendo do estado em que nos encontramos. Se a sua consciência está voltada para fora, focada no mundo material com seus precários altos e baixos, você não perceberá qualquer Deus. O mundo exterior lhe bastará. Se, em vez disso, você for além das aparências externas, focando-se em valores mais elevados, como o amor e o entendimento, a sua fé em Deus lhe dará segurança e tranquilidade. Mas é só quando você transforma a própria consciência que Deus se revelará

claro, real e valioso. Até então, o divino tem uma realidade nebulosa e chega a ser quase inútil. Os céticos têm razão de questionar esse tipo de Deus. No entanto, eles estão equivocados por não enxergarem um Deus melhor.

Em resumo, o Deus 2.0 é um processo. Um verbo e não um substantivo. Uma vez que você dá início ao processo, este se desenrola naturalmente. Você saberá que está no caminho certo porque cada passo irá trazer *insights*, clareza e experiências expandidas que validam a realidade da consciência superior.

Na presença da consciência, Deus surge. Você saberá disso com a mesma certeza com que sabe que tem pensamentos, sentimentos e sensações. Você pensará “Isto é Deus” com a mesma facilidade com que pensa “Isto é uma rosa”. A presença de Deus será tão palpável quanto o bater do seu coração.

OS TRÊS ESTADOS DE CONSCIÊNCIA

Vejamos o que está por vir. Precisamos atribuir o mesmo peso aos três estados nos quais as pessoas se encontram atualmente, já que tanto a descrença quanto a fé e o conhecimento têm o seu propósito. São degraus que vão do “Sem Deus”, passando pelo “Talvez Deus”, até chegar ao “Deus em mim”.

Descrença: Neste estágio, a pessoa é orientada pela razão e pela dúvida. Parece sensato se posicionar no grupo dos “Sem Deus”. Chega-se a esse posicionamento questionando todas as contradições de Deus e os mitos que cercam a religião. A ciência desempenha seu papel, não provando nem refutando Deus, mas nos mostrando como fazer perguntas céticas. A descrença não é uma mera negação: há também o ateísmo positivo, do tipo que se concentra em Deus como uma possibilidade, mas se recusa a aceitar as tradições, os dogmas ou a fé sem provas. Essa linha de descrença leva à clareza mental. Força-nos a crescer e agir como adultos, espiritualmente falando, e nos opõe à força da inércia que leva muitos a aceitar às cegas as lições dominicais de catecismo.

Imagine que o seu cérebro tem vias neurais dedicadas à descrença. Essas vias processam o mundo que você percebe através dos seus cinco sentidos. Elas se baseiam em objetos que podem ver e tocar. E desconfiam de tudo o que é místico. As rochas são sólidas, as facas são afiadas, mas Deus é intangível. Boa parte de você está conectada a essa área cerebral, que se estende por diversas regiões do cérebro. Os impulsos primitivos de fome, medo, raiva, sexo e autodefesa o lançam ao mundo físico, aqui e agora. A vida passa a satisfazer os desejos no momento presente, sem adiar a gratificação para quando você chegar ao céu. Ao mesmo tempo, a descrença incorpora a função cerebral superior da razão e do discernimento, bem como todo o projeto (que não tem uma localização fixa no cérebro) de desenvolvimento de um ego forte, um “eu” que nunca passa muito tempo satisfeito. Todo esse processamento neural atua contra a realidade de Deus. Não adianta fingir. A vida é um capataz rigoroso e Deus foi incapaz de mudar esse fato.

Fé: Mesmo com a vida moderna deteriorando todas as religiões organizadas, as pessoas ainda se identificam com a fé. Em pesquisas, 75% dos americanos se identificam com alguma religião organizada, mesmo tendo as suas dúvidas. Para os céticos, agarrar-se à fé parece coisa de crianças e fracos. Na pior das hipóteses, é uma defesa primitiva que protege os incapazes de lidar com a realidade. No entanto, para o processo de restaurar Deus, a fé é fundamental. A fé nos dá um objetivo e uma visão. A fé nos informa do nosso destino bem antes de chegarmos lá. (Gosto da metáfora de que a fé é como sentir o cheiro do mar antes de vê-lo.)

A fé pode ser negativa. Todos nós sabemos dos perigos do fanatismo fundamentado na fé. É assustadoramente fácil passar de crente na promessa de recompensas celestiais a homem-bomba. E a fé cobra seu preço não só dos fanáticos. O “bom” católico e o “bom” judeu se orgulham de não pensar por conta própria. A fé sustenta um impulso profundamente conservador e, a bem da verdade, todos nós desejamos a segurança e o senso de pertencimento proporcionados pelas tradições a seus fiéis.

A fé abre as próprias redes neurais no cérebro. Uma parte importante dessa atividade ocorre no sistema límbico, a sede das emoções. A fé está ligada ao amor da família e à devoção aos pais na infância. A memória evoca a saudade de um tempo e de um lugar melhor, e a fé sugere que é possível voltar a esse tempo e lugar. No entanto, o cérebro superior também é envolvido no processo. No decorrer da história das religiões, os fiéis sempre foram perseguidos. Dar a outra face em vez de vingar-se requer que o cérebro superior se atenha a valores evoluídos, como compaixão, perdão e desapego. Todos nós já sentimos a batalha interior entre o perdão e a retaliação, um exemplo clássico de inibição cruzada em ação no cérebro.

Conhecimento: O único jeito de acabar com o conflito interno é atingir um estado de certeza. O caminho leva de “Eu tenho fé na existência de Deus” a “Eu sei que Deus existe”. Você pode incitar o ceticismo em crianças pequenas (até existe um *site* dedicado a mostrar às crianças como “escapar” de Deus) do mesmo modo como pode ludibriar os fiéis e convencê-los a seguir um falso messias. O conhecimento é diferente quando vem de dentro. Você sabe que você existe; você sabe que é consciente. O Deus 2.0 só precisa de uma base e nada mais. A expansão da consciência leva naturalmente ao verdadeiro conhecimento espiritual.

Deus não é como o cometa Halley: não dá para esperar que ele apareça no céu. Deus também não pode ser encontrado exclusivamente pela lógica e pelo raciocínio. Felizmente, não precisamos disso. Começamos procurando e a nossa busca avança naturalmente a partir daí. Deus não é como os dinossauros. Basta um fóssil de *Tyrannosaurus rex* para provar que os dinossauros andaram pelo planeta no passado. Conhecer a Deus consiste em muitas experiências acumuladas ao longo da vida, uma epifania em câmera lenta, por assim dizer. Você sem dúvida experimentará picos temporários, revelações surpreendentes e momentos nos quais a verdade irá parecer incrivelmente clara. Alguns poucos seletos podem cegar-se com a luz de Deus na estrada para Damasco. Para eles, Deus se revela em um lampejo.

Mas o cérebro conta uma história diferente. Um funcionamento cerebral saudável depende de vias neurais confiáveis que funcionam do mesmo jeito toda vez. Se você aprendeu a tocar piano ou jogar futebol, a habilidade passou a ser confiável porque você abriu vias neurais específicas. Você terá as suas habilidades reforçadas ou enfraquecidas por cada experiência que tiver. Mesmo sem você perceber, o seu cérebro está sempre abrindo novos caminhos e contornando ou até destruindo outros. No nível microscópico, onde os neurônios se encontram, Deus precisa dos próprios caminhos.

Numa epifania em câmera lenta, você treina o seu cérebro a se adaptar às experiências espirituais. Segundo uma noção popular, qualquer pessoa pode dominar uma habilidade se dedicar dez mil horas a ela: tocar violino, fazer truques de mágica, desenvolver uma supermemória ou qualquer outro objetivo. Essa teoria tem a sua validade, porque alterar velhos caminhos e abrir novos caminhos requer tempo e repetição. Deus 2.0 é mais que um projeto de reconfiguração do cérebro, mas, a menos que o seu cérebro seja remodelado, será impossível vivenciar Deus. De acordo com um ditado da tradição indiana védica: “Não é um conhecimento que se aprende. É um conhecimento no qual você se transforma”. Visto pelas lentes da neurociência, isso é literalmente verdade.

O processo de Deus incorpora a pessoa como um todo. Convido você a descrever de tudo o que já ouviu falar sobre Deus e, ao mesmo tempo, convido-o a manter a fé. Se Deus é Um, tudo deve ser incluído, até o ceticismo mais radical. A realidade não é frágil. Mesmo se você duvidar de uma rosa, ela não murchará e morrerá. O único pré-requisito é aceitar a possibilidade de que o Deus 2.0 pode ser real.

Um dia perguntaram a um famoso guru: “Como devo ser seu discípulo? Devo adorá-lo? Devo aceitar cada palavra como uma verdade?”. O guru respondeu: “Nada disso. Basta abrir a sua mente à possibilidade de que o que eu digo pode ser verdade”. Suprimir qualquer potencial interior, inclusive o potencial de encontrar Deus, aborta o processo. A

semente morre antes de brotar. Abrir a mente é como abrir as cortinas de uma janela. A luz entra por conta própria.

Acho que já ficou claro que não estamos falando de um momento do tipo “Jesus voltará”. A autotransformação é mais parecida com o desenvolvimento infantil. Quando você tinha 4 anos de idade e brincava com bonecas ou carrinhos e assistia à *Vila Sésamo*, o seu cérebro ainda estava se desenvolvendo. Com o tempo, você largou os brinquedos e começou a ler livros. Nunca houve um ponto de encruzilhada, um momento único no qual você teve de escolher ficar ou não com 4, 5, 6 ou 7 anos de idade. Você só foi você mesmo, enquanto uma evolução em um nível invisível exercia sua força.

O processo de autotransformação também funciona assim. Você continua sendo você mesmo, enquanto mudanças invisíveis ocorrem no fundo de seu ser. Você é como um exército. Alguns aspectos da sua personalidade atuam como batedores, explorando o caminho adiante, enquanto outros aspectos ficam para trás, acampados. A sensação de percorrer o caminho espiritual é como flutuar adiante um dia e arrastar-se ou até recuar no dia seguinte. Descrença, fé e conhecimento, todos esses aspectos exercem sua influência.

Mais cedo ou mais tarde, contudo, se você se mantiver autoconsciente e monitorar o processo, o progresso será inevitável. Os dias nos quais você se sentirá seguro e protegido ficarão cada vez mais frequentes e os dias nos quais você se sentirá sozinho e perdido se tornarão cada vez menos frequentes. Os momentos de júbilo aumentarão. Sentir-se seguro em sua essência passará a ser seu normal. O ego é como um holograma, no qual qualquer pequeno detalhe pode se destacar do todo. O processo que nos leva a vivenciar Deus embaralha o velho holograma, lasca por lasca. Ao final do processo, uma nova totalidade será revelada a você. Essa totalidade é Deus.